



ACTAS **I Congreso de Geografía Regional**

Universidad Nacional de Luján
19 y 20 de Octubre de 2016

O Novo tempo da América-Latina: Território, Política e a Crise Estrutural do Capitalismo

Zeno Soares Crocetti

Universidade Federal da Integração Latino Americana/UNILA
Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território

RESUMO

Vivemos desde o início desse milênio alterações econômicas e geopolíticas que refletem as rápidas e imprevisíveis transformações do Sistema Financeiro mundial das últimas décadas, que configuram uma crise Estrutural do Capitalismo. Também uma crise de paradigmas, uma vez que se colocam em dúvidas os modelos e as teorias que tentam compreender e explicar a globalização e sua crise, o que caracteriza um momento de pensamento único, ficamos sem um freio, sem um contraponto para enfrentar esse capitalismo predatório, que como um turbilhão arrasa tudo por onde passa. Diante dessa complexidade iremos fazer uma interpretação da atual Crise do Capitalismo, também chamada de Crise Financeira ou ainda Crise do Neoliberalismo, desse novo tempo, que reterritorializa o continente Latino-Americano.

Hoje é impossível entender o funcionamento das economias capitalistas sem considerar o progresso técnico. Mais do que nunca, o entendimento de como a tecnologia afeta a economia é vital para a compreensão do uso do território, do crescimento da riqueza dos países e da dinâmica das sociedades contemporâneas. Os processos de globalização trazem inúmeros desafios relacionados diretamente a este tema. O esforço tecnológico possui várias dimensões críticas, ao analisar a origem e a natureza das inovações, muitos autores concluem que as inovações transformam não apenas a economia, mas afetam profundamente toda a sociedade, pois pautam o funcionamento do território. Elas modificam a realidade econômica e social, além de aumentarem a capacidade de acumulação de riqueza e geração de renda.

Tem três características fundamentais. O centro de suas atividades econômicas é global, a principal fonte da sua produtividade e competitividade é a inovação, geração de conhecimento e processamento de informação e está estruturado amplamente em redes de fluxo financeiro. Este novo estágio do capitalismo global foi divulgado como nova economia ou neoliberalismo, que teve suas estruturas abaladas com as sucessivas crises, fruto de inúmeras manipulações causando uma profunda ruptura moral, que desencadeou no mundo movimentos sociais que buscam uma nova reestruturação social e moral do mundo.

Pretendo levantar dúvidas, problemas e questões, em busca de um processo investigativo sobre as relações da dimensão espacial/territorial do sistema capitalista financeiro, em seu desenvolvimento econômico, síntese das múltiplas determinações.

Palavras-chave: Geografia econômica, Economia política, Globalização, Neoliberalismo e território usado.

RESUMEN

Hoy en día es imposible comprender el funcionamiento de las economías capitalistas sin tener en cuenta el progreso técnico. Más que nunca, la comprensión de cómo la tecnología afecta a la economía es vital para entender el uso del territorio, la creciente riqueza del país y la dinámica de las sociedades contemporáneas. Los procesos de globalización trae muchos retos relacionados directamente con este tema. El esfuerzo tecnológico tiene varias dimensiones críticas, para analizar el origen y la naturaleza de la innovación, muchos autores llegan a la conclusión de que las innovaciones transformar no sólo la economía, sino que afectan profundamente a toda la sociedad, como la operación guiada por el territorio. Cambian la realidad económica y social, además de aumentar la capacidad de acumulación de riqueza y la generación de ingresos.

Tiene tres características clave. El centro de la actividad económica es global, la principal fuente de productividad y la competitividad es la innovación, la generación de conocimiento y procesamiento de la información y está estructurado en gran medida en las redes de flujo de caja. Esta nueva etapa del capitalismo global ha sacudido sus estructuras con las sucesivas crisis, el resultado de numerosas manipulaciones que causa una ruptura moral profunda, lo que desencadenó el mundo movimientos sociales que buscan una nueva reestructuración social y moral del mundo.

Tengo la intención de plantear preguntas, problemas y cuestiones, en busca de un proceso de investigación sobre las relaciones de dimensión espacial / territorial del sistema capitalista financiero en su desarrollo económico, la síntesis de múltiples determinaciones.

Palabras clave: Geografía económica, Economía política, Globalización, Neoliberalismo, Territorio utilizado.

Da revolução ao Novo tempo na América

O crescimento espetacular das transações financeiras foi um dos fatos mais significativos da década de 1980 e já marcou os primeiros anos da década de 1990.

Efetivamente, a esfera financeira representa a ponta-de-lança do movimento de mundialização da economia; é nessa esfera que as operações do capital envolvem os montantes mais elevados; é aí que sua mobilidade é maior; é aí que, aparentemente, os interesses privados recuperam mais completamente a iniciativa, em relação ao Estado.

CHESNAIS, A mundialização financeira, p. 11.: 1996.

Espaço geográfico e política são, ambos, instâncias que se colocam à sociabilidade. Admitir a condição de instância ao espaço e à política significa admitir que ambos não são elementos passivos à sociedade, mas ativos nela e por isso mesmo pesam sobre as ações e as decisões que os agentes sociais tomam, pois, o espaço é social e a política também. A política age sobre a sociedade, mas também sobre o espaço. O espaço age sobre a sociedade, mas também sobre a política. O espaço político é, portanto, o espaço cuja dimensão é assegurada pela política, mas que a assegura, via de regra, uma dimensão espacial cujo síntese é, o território.

Ratzel já nos chamava a atenção que *“o papel do elemento humano na política não pode ser exatamente apreciado, se não se conhecem às condições às quais a ação política do homem está subordinada”*, aqui, apoiado na natureza de sua Escola, certamente se referência nas determinações do meio sobre o homem que hoje ultrapassam os limites físico-naturais.

A análise é desenvolvida valendo-se, principalmente, das reflexões de Santos, Kondratieff, Schumpeter Streeck, Mercuse, Chesnais, principalmente. Procurou-se então lançar elementos para uma discussão das bases do funcionamento do território a partir de dados macroeconômicos que espacializam o funcionamento na economia no território. O Espaço Geográfico concebido como um cimento de objetos mediados pela práxis social. Como diria Milton Santos, são formas híbridas/técnicas que constituem o território usado, a periodização serve para espacializar e desvendar as técnicas, o meio político, artífice do espaço, mediado pelo Estado, pelas corporações, que projetam o novo, ocultando o velho.

(1) a crise financeira de hoje decorre dos componentes nucleares do sistema capitalista e;

(2) resolver realmente a crise atual exige a mudança daqueles componentes a fim de mover a sociedade para além do capitalismo.

É possível que essa crise vá acelerar a corrida tecnológica porque está demonstrado que aqueles que ficarem esperando excessivamente vão ficar para trás. Podemos demonstrar, por exemplo, o caso dos trens de alta velocidade os Estados Unidos estão imensamente atrasados. Eles não são exemplo para ninguém.

A questão da revolução tecnológica é uma questão da qual não se escapa. Isso não é uma coisa que se possa controlar ou deixar de controlar. São leis do capitalismo. O capitalismo quando entra num período depressivo é obrigado a procurar novas fórmulas de lucratividade. E uma delas são tecnologias novas. Então, dá para dizer que o fordismo já acabou, foi substituído pelo toyotismo. É possível dizer que a segunda revolução industrial já acabou, ela está sendo substituída pela terceira. Então, é um fenômeno inexorável — não é coisa que para ser a favor ou contra.

Os Ciclos de Acumulação Capitalista, que interpretam o desenvolvimento econômico do capitalismo, que se dão através de flutuações das atividades econômicas, pensado originalmente por Marx, nas suas formulações sobre a queda da taxa de lucro, e explicação sobre a Crise Geral do Capitalismo. E diagnosticado no seu caráter cíclico por Kondratieff, nos ciclos longos. E reinterpretados por Schumpeter, na sua tese da destruição criativa, impulsionada pela novíssima tecnologia.

Quadro I o modelo Cíclico de Kondratieff

| CICLOS ECONÔMICOS DE KONDRATIEFF | | | | | | | |
|----------------------------------|-----------|---------------|-----------|----------------|-----------|--------------|-----------|
| Primeiro Ciclo | | Segundo Ciclo | | Terceiro Ciclo | | Quarto Ciclo | |
| Fase (a) | Fase (b) | Fase (a) | Fase (b) | Fase (a) | Fase (b) | Fase (a) | Fase (b) |
| 1790-1815 | 1815-1848 | 1848-1873 | 1873-1896 | 1896-1920 | 1920-1948 | 1948-1973 | 1973- (?) |

FONTE: MAMIGONIAN: 1987, p. 63-71.

À medida que o século XXI segue em frente percebem-se duas questões que terão fortes impactos sobre o bem-estar e a forma de vida da humanidade. Ambas têm a ver com as redes e envolvem tecnologias radicalmente novas. Uma delas é a ascensão do capitalismo global; a outra é a criação de comunidades sustentáveis baseadas na prática de uma perspectiva ecológica.

Durante as últimas três décadas a revolução da tecnologia da informação fez surgir um novo tipo de capitalismo, sua fase superior o imperialismo, que é profundamente diferente daquele da revolução industrial ou daquele que emergiu após a segunda guerra mundial.

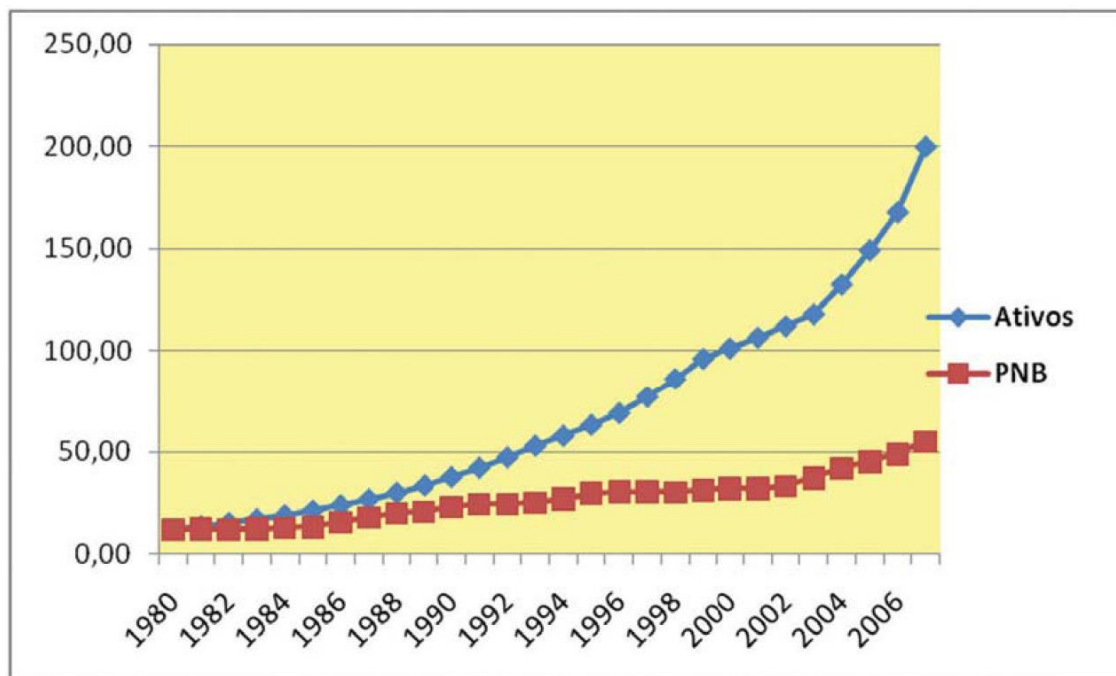
Essa nova fase do capitalismo tem três características fundamentais. O centro de suas atividades econômicas é global, a principal fonte da sua produtividade e competitividade é a inovação, geração de conhecimento e processamento de informação e está estruturado amplamente em redes de fluxo financeiro. Este novo capitalismo global foi divulgado como nova economia ou neoliberalismo, que teve suas estruturas abaladas com as sucessivas crises, fruto de inúmeras manipulações causando uma profunda ruptura moral, que desencadeou no mundo movimentos sociais que buscam uma nova reestruturação social e moral do mundo.

Com a quebra do neoliberalismo privado de 2008

A crise do capitalismo democrática do pós-guerra entrou na sua quarta e última etapa;

- 1) Espiral inflacionária sucessiva;
- 2) O déficit público;
- 3) A dívida privada;
- 4) A dívida soberana (Pública)

Riqueza fictícia (estoque mundial de ativos financeiros) e renda real mundial (PNB) US\$ trilhões.



Fonte: McKinseys Global Institute (Ativos) e FMI (PNB); elaboração própria [de Leda Paulanil.

Obs.: Para a construção do gráfico, os valores do estoque mundial de ativos financeiros correspondentes aos anos para os quais [não] há dados disponíveis foram estimados como crescendo a uma taxa constante.

Para interpretar a atual crise do capitalismo, partimos das teorias da crise do «capitalismo tardio» dos anos 1970. Isto não se deve apenas ao fato de sabermos e podermos dizer hoje, novamente, aquilo que ficou esquecido durante décadas ou que foi considerado irrelevante, nomeadamente, que a ordem económica e social das democracias ricas continua a ser capitalista, não podendo, por isso, ser entendida – caso tal seja, sequer, possível – senão com ajuda de uma teoria do capitalismo. Também podemos reconhecer, retrospectivamente, aquilo que, na altura, não podia ser reconhecido – porque ainda era óbvio ou porque já se tinha tornado óbvio – ou não se queria reconhecer, por se tornar um obstáculo a projetos políticos. De resto, o facto de, apesar de todos os esforços da razão teórica, não se ter conseguido ver aquilo que era importante e aquilo que estava para vir, pode servir para lembrar que o futuro da sociedade está em aberto e que a história não é previsível – uma circunstância que continua a não ser completamente óbvia para as ciências sociais modernas.

Essa contribuição para a compreensão deste processo parte, de uma tentativa teórica de interpretação daquilo que se começou a manifestar naquela época recorrendo a tradições teóricas mais antigas, sobretudo marxistas.

Para Streeck: 2013, as instituições sociais, sobretudo as de matriz político-económico, aparecem como compromissos permanentemente para o debate, sempre e apenas temporários, entre

orientações da ação essencialmente incompatíveis e sistemas sociais em si mesmos paradigmáticos, fundamentalmente instáveis, ou, quando muito, num equilíbrio transitório. A economia da sociedade acabou por ser entendida, na tradição da economia política, como um sistema de ação social, portanto, não só como um sistema puramente técnico ou regido pelas leis da Natureza, constituído por interações de poder entre partes com interesses e recursos diversos.

As teorias que tratam estruturas ou acontecimentos como exemplares únicos, isolados num espaço de propriedades e possibilidades imutável, podem induzir fundamentalmente em erro. Tudo o que é social acontece no tempo, evolui com o tempo e torna-se mais semelhante a si próprio no tempo e com o tempo. Só podemos compreender o que vemos hoje se soubermos como era ontem e qual o seu rumo atual. Tudo quanto existe está sempre num processo de evolução. Este processo é decisivo, como mostraremos mais adiante.

Não é só o fato de tudo necessitar de tempo que é importante. Também é importante o quando e o onde acontece. O espaço, o contexto social constituído pela proximidade, não é menos fundamental para a sociedade do que o tempo, e não é só o tempo cronológico que importa. O tempo diacrónico, portanto, histórico, também é importante.

Hoje, sabemos que as coisas apenas demoraram mais tempo a acontecer e que era incorreto supor que uma estrutura tão sólida e interiorizada como o Estado-Providência europeu poderia desaparecer, passados poucos anos da internacionalização económica, ou transformar-se em algo categoricamente diferente. A mudança institucional opera-se frequentemente – e, provavelmente, quase sempre – como uma mudança gradual (Streeck e Thelen: 2005), que pode ser desqualificada como marginal durante muito tempo, mesmo quando aquilo que é marginal se havia transformado, há muito, no cerne que determina a dinâmica da evolução.

O Consenso de Monterrey

Estado policial altamente intrusivo (anti-welfarism), profundamente arraigado e em rápida expansão, ligado às mais desenvolvidas inovações tecnológicas, organizado pelos escalões superiores da burocracia civil e militar sob a direção do Executivo e do seu Conselho de Segurança Nacional. Bush consolida o modelo com implantação do "Patriot Act". E com Clinton a "financeirização" da economia dos EUA, através da desregulamentação do sistema financeiro (revogando o Glass-Steagal Act de 1933)

Em abril de 2002, no México em Monterrey, se reuniram os donos do mundo, numa espécie de Fórum Económico Mundial do Centro do Grande Capital, cujo objetivo era o financiamento do desenvolvimento pelas agências multilaterais, (FMI, BIRD, OMC, o problema é que a ajuda económica depende de soluções políticas fora do alcance das agências.

Declaração do Milênio;

Pontos estratégicos para superação do subdesenvolvimento;

- 1) Austeridade fiscal (ajuste fiscal) leis de responsabilidade fiscal, controle dos investimentos e gerenciamento do desenvolvimento;
- 2) Austeridade Monetária (estabilidade económica) reformas tributária e previdenciária.
- 3) Política Cambial (estabilidade cambial, paridade baseada na âncora cambial).

Objetivos e Metas

- Erradicação da fome;
- Educação básica universal;
- Avançar no direito das mulheres;
- Diminuir drasticamente a mortalidade infantil;
- Combate a doenças endêmicas (Sida, malária, sarampo, tuberculose, etc.)
- Proteção ao meio ambiente;
- Ajuda financeira;

Propostas de participação nos fundos de ajuda;

- UE 0,39 do PIB (+- 40 BI US\$)
- Estados Unidos 0,13 do PIB (15 BI U\$) nos anos 80 era de 0,27% 40 BI.

Gestão do BIRD para os parias, (LICUS) Países de Baixa renda sob Tensão; países com dificuldades financeiras, que poderão se socorrer no Banco Mundial, ou no FMI, desde que estejam sob tensão financeira e possam colocar o sistema financeiro mundial em risco, mas para aqueles que seguiram a cartilha neoliberal e quebraram, e que sejam obedientes, submissos ao FMI e BIRD. Mas só para países organizados, com a economia sob tutela, excluídos países desgovernados e com opinião própria, ou seja, ajuda só aos obedientes, subservientes, nada de eixo do mal.

De Consenso em Consenso o Grande Capital expropria os territórios produtivos!

O Grande Capital se reuniu no centro do Império para debater o mau uso do seu dinheiro, numa maçonaria liberal no Consenso do Colorado no resort Beaver Creek. Esse encontro é uma espécie de Fórum Econômico Mundial, criado em 1981 por Gerald Ford, ex-presidente estadunidense, onde se reúnem seus convidados, os donos do mundo; empresários, chefes de governo, banqueiros, presidentes das agências multilaterais como FMI, e Alan Greenspan, ex-presidente do banco central dos EUA o FED, pasta atualmente chefiada por Henry Paulson, onde se reúnem para apagar o incêndio das fraudes mundiais, ENRON, WORDCOM, XEROX, entre outras. E preocupados com os calotes, e com seu rico dinheiro, principalmente para debater o escândalo do *subprime* (crise das hipotecas).

Economicamente, o neoliberalismo fracassou, não conseguiu revitalizar o capitalismo. Mas politicamente e ideologicamente, todavia, o neoliberalismo alcançou êxito num grau impensável para seus fundadores (Friedman e Hayek), uma vez que ele se apresentou como uma ideia simples de que não havia alternativas para seus princípios, que todos, seja aderindo ou negando, tinham que adaptar-se a seu modelo. Constituiu-se numa hegemonia ancorada agora no livre cambismo, ou seja, no liberal-globalitarismo.

Mas com a articulação dos movimentos sociais, tais como Fórum Social Mundial, Movimento ATTAC, Via Campesina, Movimento de Chiapas no México, MST no Brasil, o Movimento *Occupy Wall Street* etc., conseguiram chamar atenção da sociedade e num curto espaço de tempo 2002-14, conseguiram uma guinada no jogo, principalmente sob a liderança da América Latina, que aos poucos foi virando a página dessa hegemonia neoliberal, e substituindo esse modelo por alternativas autônomas baseando em suas experiências e características próprias em vários países Latinos, com todas as contradições que esses modelos carregam.

Mas no começo da década de 2010, o centro do imperialismo deu início a uma nova geopolítica, uma nova reestruturação estratégica, promovendo uma contra revolução, aos poucos foram deixando para trás a Guerra contra o Terror, e focando na recuperação do seu quintal na periferia do Sistema, lançando mão de novas táticas, com seus agentes infiltrados, desestabilizando os governos com financiamento de agitadores, compra da mídia local e associação as elites corruptas locais, e construíram o modelo de golpe sem o uso das forças armadas, criaram o chamado Golpe Parlamentar, para remover governos populares contrário a sua ganancia por território e dinheiro, em Honduras, Paraguai e Brasil.

Estamos a caminho do período de recessão/estagnação. Não dá para dizer que haverá uma depressão profunda da economia, tampouco que um grande conflito armado vai fechar esta fase. Embora possamos interpretar que talvez o sistema se autorregulou, com guerras pontuais na periferia do sistema (Afganistão, Iraque, Líbia, Irã, Palestina/Israel, Ucrânia/Rússia/EUA, entre outras). Posso estar errado, evidentemente. Embora a onda dos ciclos de crescimento e depressão da economia se encaixe com exatidão. Alguns analistas sugerem que o ciclo deve ser corrigido pela expectativa de vida da população – se ela se alonga também o ciclo cresce.

América Sitiada em 2003



Fonte: IBGE, organização Crocetti, 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lenin uma vez observou que a política é economia concentrada. É a pedra angular do materialismo histórico que, em última análise, a viabilidade de qualquer sistema socioeconômico depende da sua capacidade de desenvolver os meios de produção. Isso já foi explicado por Marx em sua Introdução à Crítica da Economia Política. Marx explica a relação entre as forças produtivas e da "superestrutura", como segue:

Na produção social que os homens carregam em que eles entram em relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade; estas relações de produção correspondem a um estágio definido de desenvolvimento dos seus poderes de material de produção (...) O modo de produção da vida material determina o caráter geral dos processos sociais, políticos e espirituais da vida. Não é a consciência dos homens que determina sua existência, mas, pelo contrário, sua existência social [que] determina sua consciência.

Marx, O Capital Volume 1, Crítica da Economia Política. 1988.

No entanto, o marxismo não tem nada em comum com a caricatura bem conhecida que afirma que Marx e Engels "reduziu tudo à economia". Esse absurdo de patente foi respondido muitas vezes por Marx e Engels, como no seguinte excerto de carta de Engels a Bloch: "Segundo a concepção materialista da história, o elemento determinante na final da história é a produção e reprodução da vida. Mais do que isso. Nem Marx, nem eu, afirmamos. Portanto, se alguém torce isso em dizer que o elemento econômico é o único determinante, transforma aquela proposição numa frase sem sentido, abstrata e absurda. "

O materialismo histórico não tem nada em comum com o fatalismo. Nosso destino não é predeterminado por leis econômicas, nem são homens e mulheres são meros fantoches de cegas "forças históricas". Mas também não são agentes inteiramente livre, capaz de moldar seu destino, independentemente das condições existentes impostas pelo nível de desenvolvimento econômico, ciência e técnica, que, em última análise, determinar se um sistema socioeconômico é viável ou não. Para citar Engels: "Os homens fazem sua própria história, seja qual for o seu resultado pode ser, em que cada pessoa segue o seu próprio fim conscientemente desejado, e é precisamente a resultante dessas muitas vontades que operam em direções diferentes e de seus efeitos múltiplos sobre o exterior mundo que constitui a história. " (Ludwig Furbach).

Assim, o marxismo de modo algum reduz a história à economia. Ele não elimina o fator subjetivo - a atividade consciente dos homens e mulheres, moldando seu próprio destino. Na verdade, Marx explicou que embora o desenvolvimento das forças produtivas foi decisivo, em última análise, isso não significa que em todos a relação entre a base econômica e a "superestrutura" era automático e mecânico. Nem é um processo de uma maneira. A superestrutura da política, diplomacia, ideologia e até mesmo a religião, dialeticamente interage na base econômica e afeta o seu desenvolvimento.

Podemos reconhecer que a causa fundamental da crise financeira é a lógica do próprio capitalismo, que torna o capital motor da economia. E seu desenvolvimento – essencialmente, a acumulação – leva à maximização do lucro. Se a financeirização da economia favorece a taxa de lucro e se a especulação acelerou o fenômeno, a organização da economia como um todo continua dessa forma. Mas um mercado não regulamentado capitalista conduz inevitavelmente à crise. E, como indicado no relatório da Comissão das Nações Unidas, é uma crise macroeconômica. Essa política global de privatizações em massa, com a aplicação dos métodos muito bem relatados por Naomi Klein em seu conceituado livro A doutrina do choque.

Verificamos ainda que, para implementar o propalado modelo de "Estado mínimo", é preciso usar ao máximo a força do Estado, especialmente forças militares e policiais, para vencer as enormes resistências de grande parte da população. Ou seja, os defensores do "Estado mínimo" apelam para o Estado máximo para impor suas condições a toda a sociedade.

A partir dos postulados do neoliberalismo, entenderemos que o Estado só deverá manter-se afastado na hora da apropriação dos recursos gerados pelo conjunto da nação (para evitar que os mesmos caiam nas mãos erradas da maioria). Estes recursos devem sempre ficar à disposição dos grupos econômicos (especialmente os representantes do capital financeiro) que de fato comandam o Estado. A participação estatal na questão da distribuição da renda só será admitida (e, na verdade, exigida) quando o modelo entrar em crise e gerar situações que ponham em risco os interesses dos grupos econômicos dominantes.

Aí, sim, o Estado precisa desempenhar um papel de primeira linha e deve atuar para fazer com que o conjunto da sociedade assuma os custos da crise originada pelas ações especulativas daqueles que vinham se beneficiando do sistema.

REFERENCIAS

Amim, S. 1973. O desenvolvimento desigual: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico. Rio de Janeiro: Forense

Bensaid D. 2005. Marx, o intempestivo - grandezas e misérias de uma aventura crítica. Rio de Janeiro; Civilização.

Chesnais, F. [et al.] 2010. A Finança Capitalista. São Paulo: Alameda.

Crocetti, Z. S. 2011. Geografia e Poder: A dialética do território. In: Geografia e interfaces de conhecimento debates contemporâneos sobre ciência, cultura e ambiente. Londrina: EDUEL, p. 229-252.

Holloway, J. 2003. Mudar o mundo sem tomar o poder. São Paulo: Boitempo, 1ª edição.

Johnson, C. 2007. As Aflições do Império. Rio de Janeiro: Record

Kaplan. R. D. 2013. A vingança da Geografia. Rio de Janeiro: Campus

Klein, N. 2008. A Doutrina do Choque. Rio de Janeiro: Nova Fronteira

Kondratieff, N. D. 1984 (1939) The Long Wave Cycle. London: E P Dutton, 138 p.

————— 2010. The Long Waves In Economic Life (1935). Londres: Kessinger Publishing, LLC, p. 28.

Lênin, V. I. U. 1982. (1899) Razvitie Kapitalizma V'Rossii. Trad. port. O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia. São Paulo: Abril Cultural.

Marx, K. E Engels, F. 1988. O Capital, Volume I, II e III. São Paulo: Nova Cultural, 3ª edição.

Marx, K. 1980. Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Grundrisse) 1857-1858, Vol. I. 11ª ed., Madrid: Siglo XXI.

Mercuse, H. 1973. (1964). A Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional. Zahar: Rio de Janeiro, 4ª edição.

Perkins, J. 2005. Confissões de um assassino econômico. São Paulo: Cultrix.

Piketty, T. 2014. O Capital no século XXI. São Paulo: Intrínseca: Rio de Janeiro

- Santos, M. 2000. Por Uma Outra Globalização. Rio de Janeiro: Record, 79-116.
- 1977. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n 54, p. 35-59, jun.
- Schumpeter, J. A. 1939. Business Cycles: a Theoretical, Historical and Statistical Analysis of the Capitalist Process. London: Mc Graw and Hill.
- 1984. Ciclos Econômicos. In: A Teoria do Desenvolvimento Econômico. São Paulo: Abril Cultural.
- Smick, D. M. 2009. O Mundo é Curvo. Rio de Janeiro: Best Seller.
- Streeck, Wolfgang. Tempo comprado: a crise adiada do capitalismo democrático. Conjuntura Actual: Lisboa: 2013.
- Wallerstein, I. 2013. O universalismo europeu. São Paulo: Boitempo.
- When, F. 2007. Como a Picaretagem Conquistou o Mundo. Rio de Janeiro: Record.
- Wood, E. 2014. Império do Capital. São Paulo: Boitempo.
- Zizek, S. 2013. Primeiro como tragédia, depois como farsa. São Paulo: Boitempo, 3ª edição.